

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade de  
Coimbra - Alta e Sã  
inscrita na Lista do Património  
Mundial em 2013

COMPETE  
2020  
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO

PORTUGAL  
2020



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional

FCT  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

## Coordenador

José Reis

## Editor

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

## Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

## Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

## Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

## ISBN

978-989-8847-25-6

# PATRIARCADO, MASCULINIDADES E PANDEMIA

Tatiana Moura

As atitudes, práticas e decisões políticas legitimadas por entendimentos patriarcais sobre masculinidades (e relações de gênero) têm afetado o mundo em tempos de pandemia, com expressões visíveis no dia a dia. São já conhecidos alguns dos seus impactos, evidenciando expectativas relativamente a diferentes papéis que a sociedade espera que homens e mulheres desempenhem. Os discursos masculinos têm dominado as respostas internacionais e governamentais à COVID-19, e as várias abordagens e propostas globais são vincadamente moldadas por políticas masculinizadas, de que são exemplo as declarações de “guerra” ao vírus. Trata-se de uma analogia problemática, já que o fundamental para enfrentar esta crise, a curto prazo, é a antítese da “guerra” – o cuidado, a solidariedade social ou o apoio comunitário. Alguns líderes mundiais, por outro lado, têm mostrado desdém em relação à pandemia, agindo como se os seus países fossem demasiado fortes para serem afetados por ela.

Estes discursos patriarcais podem ter consequências sérias nas políticas nacionais e globais, incentivando abordagens militarizadas e autoritárias e dando prioridade a setores económicos e sociais dominados por homens, negligenciando os setores vitais onde as mulheres estão mais presentes. Acresce a isso a precariedade dos postos de trabalho feminino,

que ficam à margem das medidas de proteção desenhadas, ou o acréscimo de responsabilidades de cuidado que têm recaído sobre as mulheres, exacerbadas pela menor propensão dos homens em cuidarem de si mesmos e dos outros/as.

É necessário repensar os momentos de transição em tempos de crise, tendo como foco analítico e epistemológico as transformações e escolhas que têm implicações geracionais e de gênero. Compreender como esta crise foi exacerbada por abordagens e respostas políticas patriarcais – como moldou masculinidades, relações de gênero e dinâmicas domésticas/familiares – é essencial, no curto e médio prazos. Mas, acima de tudo, é urgente perceber como os momentos de crise desafiam construções patriarcais de masculinidades, constituindo espaços de não violência e igualdade. Estamos, portanto, no momento de entender os fatores associados a percursos não violentos e equitativos de masculinidade e relações de gênero, trazendo para o centro do debate o conceito e práticas de cuidado (formal e informal), essenciais para a prevenção da violência e para alcançar sociedades mais equitativas a longo prazo. Isto significa entender o potencial emancipatório de promoção de masculinidades cuidadoras no desafio às estruturas patriarcais dominantes e na hierarquização de prioridades políticas.